



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS PORTO NACIONAL  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**DIVA LEÃO ALVES**

**MODERNIZAÇÃO EM PALAVRAS:  
O PERIÓDICO NORTE DE GOYAZ E A DITADURA MILITAR.**

**Porto Nacional (TO)**

**2019**

DIVA LEÃO ALVES

**A MODERNIZAÇÃO EM PALAVRAS:  
O PERIÓDICO NORTE DE GOYAZ E A DITADURA MILITAR.**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Êça Pereira da Silva.

PORTO NACIONAL (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A474m Alves, Diva Leão .

Modernização em palavras: O periódico Norte de Goyaz e a ditadura militar . / Diva Leão Alves. – Porto Nacional, TO, 2019.

34 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2019.

Orientadora : Êça Pereira da Silva

1. Imprensa. 2. Modernização. 3. Ditadura Civil-Militar. 4. Norte de Goiás.  
I. Título

**CDD 901**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos a Prof.<sup>a</sup> Dra. Êça Pereira da Silva pela orientação na construção deste trabalho. A banca avaliadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Temis Gomes Parente e ao Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes. A todos, que fizeram deste trabalho possível, aos meus pais, por sempre me incentivarem a ler e a ampliar meu horizonte de expectativas, à minha irmã pela força e compreensão, ao meu melhor amigo e companheiro pelo apoio e enorme gentileza, e uma enorme gratidão aos meus professores, pelo trabalho bem feito e inspirador, pelas caronas, pela indicação de leituras, por tornarem a caminhada deslumbrante, mais especial do que eu poderia desejar quando me decidi por este curso. A meus colegas apaixonados por História, foi um prazer compartilhar às aulas e debates com vocês. Meus agradecimentos a esta instituição de ensino, UFT, e a seus servidores prestativos. E por fim a Deus, por Seu constante amor e proteção.

## RESUMO

O jornal *Norte de Goyaz*, objeto desta pesquisa, publicado quinzenalmente durante o século XX, foi fundado em 22 de setembro de 1905, na cidade de Porto Nacional então norte do Estado de Goiás, por Francisco Ayres da Silva, médico e integrante da elite portuense. A partir de suas páginas foram levantados os questionamentos e análises de onde decorrem as problemáticas do presente trabalho. Analisando a maneira como o jornal abordou os temas da modernização da região norte goiana antes e durante a Ditadura Civil-Militar de 1964, mais especificamente do ano de 1960, 1967-68 e 1983-85. A preocupação frequente no discurso do periódico acerca da inserção do norte de Goiás no rol das regiões que vivenciaram a modernização aponta que os melhoramentos não eram apenas um fim em si mesmo, mas sim como projetariam Porto Nacional para além da realidade do norte goiano. A defesa da modernização e do progresso constituiu parte do discurso estruturante do periódico perpassando pela defesa da construção de estradas, a exploração do potencial naval da região considerada como segunda costa brasileira; o crescimento demográfico; a possibilidade de emancipação do norte goiano ou a integração desta com o sul de Goiás e de Goiás com o Brasil. Tal discurso foi utilizado largamente a do início do século XX, reelaborado e continuou funcionando como poderoso instrumento no cenário político brasileiro e no contexto da Ditadura Civil-Militar de 1964.

**Palavras-Chave:** Imprensa. Modernização. Ditadura Civil-Militar. Norte Goiano.

## ABSTRACT

The newspaper *Norte de Goyaz*, object of this research, published fortnightly during the 20th century was founded on September 22, 1905 in the city of Porto Nacional, then Goiás upstate, by Francisco Ayres da Silva, doctor and member of the portuense elite. From its pages were raised the questioning and analysis and the problems of the present work. It is of particular interest the way the paper tackled the themes of modernization of the Goiás upstate before and during the period of the Civil-military dictatorship of 1964, more specifically the year 1960, 1967-68 and 1983-85. The concern of the journal discourse about the insertion of the North of Goiás in the list of regions that experienced modernization points out that the improvements were not only an end in itself, but also how these projects would improve the reality of the Goiás North. The structure of defense, modernization and progress constituted part of the routine speech of the journal for construction of roads, the naval potential, than regarded as a second brazilian coast; the population growth; the possibility of emancipation in the North or the integration of Goias South Goiás and de Goiás with Brazil. Such a speech was used largely to the early 20th century, reworked as a powerful tool in the Brazilian political scene and in the Civil-military dictatorship of 1964.

**Keywords:** Press. Modernization. Civil-Military Dictatorship. Goiás upstate.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 1-NOME DO JORNAL.21

FIGURA 2 -NOVA GRAFIA DO JORNAL.21

FIGURA 3-NORTE DE GOIÁS. PORTO NACIONAL. DEZEMBRO/1984.28

FIGURA 4- NORTE DE GOIÁS. PORTO NACIONAL. 15, 30/07/1985.29

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>MODERNIZAÇÃO EM PALAVRAS: O PERIÓDICO NORTE DE GOYAZ E A DITADURA MILITAR.....</b>	<b>12</b>
<b>Repaginação, Emancipação e Povoamento do Norte Goiano.....</b>	<b>16</b>
<b>Ditadura e progresso .....</b>	<b>19</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>33</b>



## INTRODUÇÃO

A imprensa teve sua primeira aparição no cenário portuense com o periódico *Folha do Norte*, fundado em 1891 por Frederico Ferreira Lemos e Luiz Leite Ribeiro, em suas páginas descreviam como seu objetivo a defesa do bem público ao mostrar às lideranças federais e estaduais quais as necessidades da região do norte de Goiás que então se via ignorada por essas lideranças. *O Incentivo* foi o segundo periódico fundado em Porto Nacional no ano de 1901, publicou cerca de 30 edições, os editores o declaravam politicamente neutro, mas suas publicações foram carregadas de embates e da defesa de políticas que interessavam a seus editores e apoiadores, publicou sua última edição em 1902 (OLIVEIRA, 2010).

O presente trabalho tem como objeto o jornal *Norte de Goyaz*, antes de tratar sobre o jornal em si, sua trajetória, quem o escrevia e o porquê, onde era impresso e seu público alvo, é essencial tecer breves considerações sobre a utilização do jornal como fonte histórica e o papel que se conferiu à imprensa durante o século XX. O *Norte de Goyaz*, fundado em 1905, por Francisco Ayres da Silva, tendo sido publicado quinzenalmente, contendo quatro páginas em cada edição. Seus proprietários definiram o objetivo do periódico como informar aos portuenses o que acontecia no Brasil e no mundo e colocar em foco os problemas enfrentados pela região, bem como pedir soluções das autoridades estaduais e federais acerca do que a família Ayres considerava necessário para a modernização da região nortense (NUNES, 2016).

No início do século XIX e XX a tradição da busca da verdade na historiografia, trouxe o ideal de que esta, só seria atingida através do documento histórico, de preferência o documento oficial. Ao historiador cabia transcrever essa realidade de maneira objetiva, fidedigna e neutra, acreditava-se que quando afastado temporalmente do seu objeto o historiador não seria influenciado pela realidade em que este objeto foi escrito, e poderia assim pleitear a “Verdade” (DE LUCA, 2008).

Os jornais não faziam parte desse arcabouço de documentos oficiais, eram considerados “pouco adequados para a recuperação do passado”, chamados de “enciclopédias do cotidiano”, pois traziam relatos fragmentários do presente, imbuídos de “interesses, compromissos e paixões”, características essas que, segundo a historiografia metódica, impediam a compreensão do passado, por não fornecerem

imagens claras, objetivas e concretas, elas eram “parciais, distorcidas e subjetivas” (DE LUCA, 2008, P. 111-112).

Segundo Tânia Regina de Luca (2008) a historiografia se modificou a partir da segunda metade do século XX, quando a terceira geração dos *Annales* propôs “novos objetos, problemas e abordagens” para a historiografia, assim o documento oficial deixou de ser a principal fonte da análise histórica. Novas abordagens foram feitas, se expandiram os problemas, questionamentos acerca do objeto ou para o objeto, assim como as fontes, o que possibilitou a multidisciplinaridade, a colaboração da História com outras ciências, como a Psicanálise, a Antropologia, a Sociologia.

Essa Nova História incluiu os jornais como fontes para a escrita da História. A dificuldade em estudar e compreender que forças influenciavam os meios de comunicação leva à “importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros” (DE LUCA. 2008. P. 116).

Para Tânia Regina De Luca (2008) a materialidade do jornal também deve estar inserida na análise do historiador, sendo “importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural”, ou seja, o artigo do jornal, a fonte usada, as publicidades e imagens, ao tipo de folha utilizada na impressão do jornal passaram pelo crivo e influência do período histórico em que esteve inserido no momento de sua publicação. Os ideais dos editores, o porte do jornal e seus objetivos não se encontram apenas no conteúdo escrito, mas também em sua forma física.

No contexto de um país extenso como o Brasil, a grande imprensa se ateve aos centros urbanos, que por lá se desenvolveu e difundiu sua influência. Nas regiões interioranas do país existiram as pequenas tipografias, “locais em que perdurou por bastante tempo esse tipo de parque gráfico, denominado pela historiografia especializada de pequena imprensa” (SILVA; FRANCO, 2010, P. 3). O jornal *Norte de Goyaz* se caracteriza como parte dessa pequena imprensa, que durante a década de 60 até o seu fechamento definitivo em 1985 era impresso em uma tipografia localizada na Rua Sete de Setembro, 351, em Porto Nacional, antigo norte goiano. A tipografia pertencia ao Dr. Francisco Ayres da Silva, e com seu falecimento, em 24 de maio de 1957, tanto o jornal quanto a tipografia passaram para o seu filho Milton Ayres da Silva (NUNES, 2016).

O processo de modernização chamou a atenção por sua materialidade, os carros, trens, navios, eletricidade, cinema, bondes e as novidades culturais, como “os novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades” (DE LUCA. 2008. p. 120). Nesta perspectiva, analisaremos como o periódico *Norte de Goyaz* apresentou aos leitores os projetos de modernização para a região nortense.

Particularmente interessa a esta pesquisa a maneira como o jornal abordou os temas da modernização da então região norte do estado de Goiás antes e durante o período da Ditadura Civil-Militar de 1964, mais especificamente do ano de 1960, depois de 1967-68, e de 1983-85, 1960 foi o último ano de publicação do jornal sob a égide de um governo democrático, observando assim se seu discurso a favor do progresso antecedeu ao governo ditatorial e os anos de 1967-68, e de 1983-85 correspondendo ao período de publicação do periódico durante a ditadura civil militar, observando que os anos de 1969 a 1982 o *Norte de Goyaz* não foi publicado, levando ao questionamento das razões deste hiato.

É premente esclarecer que o contato com o Arquivo particular da Família Ayres, localizado em um casarão antigo na rua Dr. Francisco Ayres da Silva, na praça da matriz em Porto Nacional, não se fez de maneira direta, mas através do acervo digital disponível no CDH em fotografias dos exemplares do *Norte de Goyaz*, a partir do trabalho feito pelo Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes. O primeiro contato com o acervo se deu através da iniciação científica, PIBIC (2017-2018). Utiliza-se neste trabalho fragmentos dos exemplares do periódico nortense, que estavam legíveis mesmo após vários anos arquivados precariamente, prioriza-se assim seu conteúdo em detrimento da quantidade de exemplares analisados.

## **MODERNIZAÇÃO EM PALAVRAS: O PERIÓDICO NORTE DE GOYAZ E A DITADURA MILITAR**

O *Norte de Goyaz* foi fundado em 22 de setembro de 1905, na cidade de Porto Nacional, então norte goiano, por Francisco Ayres da Silva, médico e integrante da elite portuense. O hebdomadário, impresso pela tipografia nortense, levava em sua primeira página descritos como proprietários “Viúva Ayres e filhos”, ou seja, Francisco Ayres, redator chefe; o deputado estadual tenente-coronel João Ayres Joca como gerente; o juiz Municipal do Termo Joca Ayres da Silva e a viúva Rachel Pinto de Cerqueira Ayres.

As carreiras dos irmãos Ayres, tanto do seu fundador do jornal quanto de seus colaboradores estavam ligadas aos poderes locais, uma vez que um era deputado, o outro juiz e um terceiro militar. Suas relações com Estado trazem consequências na produção do periódico, sendo comuns, artigos escritos por órgãos estaduais, publicação de trechos de leis e a divulgação de projetos quando estes convinham para a família Ayres e também há transformação do espaço do jornal para o embate direto com opositores políticos. Como esclarece Cavalcante, as relações de poder entre as elites, perpassava a imprensa e essa se constituiu local de disputas:

O coronelismo em Goiás evidenciaria, desde o início da República, a vinculação entre as elites regionais e os partidos políticos. Além dessa destacava-se a imprensa local como instrumento de exercício e de disputa de poder entre os coronéis goianos (CAVALCANTE. 2004. p. 60).

Ao jornal *Norte de Goyaz* concedeu-se o título de porta voz da região nortense noticiando os debates considerados pertinentes e também veiculou informações advindas tanto do Estado de Goiás quanto do Brasil e do mundo, transmitidas para a população de Porto Nacional e região, apesar de não ter sido o único a publicar na região, tendo que disputar com outros periódicos ao longo dos anos o título de porta voz, como em 1958 com o periódico A Norma, em 1959 com O Estado do Tocantins e O Estudantil, em 1960 com o Porto Nacional Jornal e a partir de 1983 com o jornal Voz do Tocantins.

Para compreender o discurso do jornal se faz necessário o diálogo com o contexto histórico em que este estava inserido, e a influência da imprensa na sociedade portuense do século XX, pois:

[...] mesmo considerando as dimensões físicas do país e a demora em se fazer chegar notícias às regiões mais distantes, a difusão da informação por meio da imprensa escrita desempenhou papel de relevo no registro dos acontecimentos e das transformações pelas quais passava a sociedade brasileira (SILVA; FRANCO, 2010, p. 3).

Segundo o historiador Radamés Vieira Nunes apesar de Porto Nacional não foi um centro hegemônico na dimensão social, cultural, política e econômica do Estado de Goiás este não estava isolado dos acontecimentos do país e do mundo:

[...] informações, novidades, euforia, chegavam, com sutil defasagem, via impressos, objetos e pessoas. Quase sempre chegavam apenas como notícia, ou como rumores, às vezes como materialidade mesmo. Cada viagem feita para as grandes cidades, ou a cada viajante que de lá chegava a Porto Nacional, ou a cada símbolo que delas faziam menção, eram motivo de notícia de destaque na imprensa e nas ruas portuenses (NUNES, 2016, p. 1007).

A contar de sua primeira edição o periódico se firmou no discurso a favor do progresso para a região nortense com a finalidade de noticiar os melhoramentos advindos da modernização, seus editores e colaboradores descreveram seus projetos e especificaram seus desejos para o futuro da região. Ao se tratar de modernização inúmeros conceitos e interpretações deste se fazem presentes, para o arcabouço teórico deste trabalho valeu –se dos conceitos firmados por Marshall Berman, Jurgen Habermas, David Harvey e na interpretação das historiadoras Josianne Cerasoli e Êça Pereira da Silva.

Habermas (2000. p. 19) ao tratar sobre o discurso filosófico da modernidade atesta a relação desta com o progresso e como a modernização propiciou o crescimento do “campo de experiência de mundos da vida de expressão rural e artesanal” a modernização social se torna então reguladora das expectativas às mobilizando e desvalorizando experiências que antes eram “legadas pelas gerações precedentes sendo ocupadas por aquela experiência do progresso”.

Sobre o modernismo Berman (1986) pontua sobre a sensibilidade as mudanças, tanto culturais quanto materiais da segunda metade do século XX, no que David Harvey (1992) trata da racionalidade para alcançar o moderno e a crença particularmente forte “no progresso linear, nas verdades absolutas e no planejamento racional das ordens sociais ideais” sobre condições padronizadas de conhecimento e de produção. Por isso o

modernismo resultante era positivista, tecnocêntrico e racionalista ao mesmo tempo em que era imposto como a obra de uma elite de vanguarda formada por planejadores, artistas, arquitetos, críticos e outros guardiões do gosto refinado

Segundo Cerasoli (2004) a modernização se compõe da ideia de uma sociedade ideal e de um futuro que se construiria acima das dificuldades do presente “revelando sua dimensão de impulso para uma nova realidade, ao menos como sensibilidade” (CERASOLI, 2004, p. 316). Para Silva (2016) modernização “consiste num processo que apresenta, em graus variáveis, algumas características relacionadas ao fenômeno da revolução industrial, tais como, além da própria industrialização, a urbanização, a ampliação da infraestrutura, meios de comunicação de massa entre outras” (SILVA, 2016, p. 2).

No Estado de Goiás, do século XX as elites do sul e do norte disputavam entre si os recursos do governo para assim alcançarem seus objetivos (NUNES, 2016), as disputas por cargos, por melhoramentos urbanos para além do âmbito estadual, a atenção do governo federal para o norte do país, viabilizando o seu povoamento, a comunicação e interligação com outras regiões do Brasil, para isso os grupos políticos goianos elaboraram inúmeras propostas para alcançar a modernização, projetando o que poderia se tornar real e indicando possibilidades para tal como a navegação fluvial, as estradas e malha ferroviária. Cerasoli discorre acerca da pluralidade dessas propostas e dos grupos que as formularam:

Relações que tencionavam diversos grupos sociais. Diferentes propostas políticas, aspectos culturais plurais, apreensões discordantes e diversas de cidade e de melhoramentos urbanos, enfim, situações nas quais dialogavam noções então bastante dilatadas de mudança, de modernização (CERASOLI, 2004, p. 307).

O desejo pela modernização perpassou os mais diversos discursos e realidades no Brasil, em Porto Nacional não foi diferente, marcando o discurso do jornal, ficando em consonância com os projetos políticos estaduais e federais, em outras ocasiões proclamou se em suas páginas que a única solução para o norte de Goiás se modernizar seria tornar-se independente, pois só assim deixaria de ser relegado ao esquecimento pelos governantes de Goiás. Como afirma Nunes:

Sob essa perspectiva as cidades que mais próximas chegaram de uma modernização efetiva, digo, que alcançaram os ambicionados

benefícios modernizantes, assumiram posição de destaque em relação às outras que não puderam ou não quiseram passar pela experiência da mesma forma. Nesse sentido, as cidades interioranas são colocadas numa posição relativamente desconfortável ante as chamadas metrópoles (NUNES, 2016, p. 15).

Em 21 de dezembro de 1936, na primeira página de sua recente edição quinzenal, o periódico prestou homenagem ao falecido redator, gerente e um dos fundadores do *Norte de Goyaz*, João Ayres Joca, falecido em 31 de dezembro de 1931, e novamente o discurso do progresso é colocado como parte da criação do jornal e também como qualidade pessoal de João Ayres Joca, como se pode ver:

O “Norte de Goyaz” traja crepe em saudosa e imorredora homenagem ao seu redator e gerente, tão prematuramente desaparecido, a 23 de Dezembro de 1931. João Ayres da Silva Joca, espirito de elite e amante extremado do progresso desta zona e de Goyaz, foi um dos primeiros no propugnar dos melhoramentos para o norte muitos dos quais já vamos desfrutando, oriundos de seu labor constante e reiterado (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 21/12/1936. p. 1).

Publicado em 1937, na primeira página do número 486 o artigo “Deem transportes ao Brasil”, o *Norte de Goyaz* se valeu das palavras e do prestígio do presidente americano Roosevelt (1882-1945) quando este discursou sobre o financiamento de estradas para o “estabelecimento de rápidas comunicações navaes e execução do plano da grande estrada pan americana com bifurcação para Santiago do Chile e Rio da Prata” (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. N° 486. 15/11/1937. P.1).

O periódico lançou mão do discurso do presidente Roosevelt com o objetivo de trazer a credibilidade do presidente de um país desenvolvido e exemplo de moderno para os demais atrelando o desenvolvimento de um país aos seus meios de transporte demonstrando seu desejo para o investimento nos meios de transporte no Brasil e na construção de estradas para aumentar as comunicações principalmente para a região norte do país. A comunicação para o interior do país, possibilitada pelas estradas, é mais amplo que a troca de informações abrangendo não só o correio e o telégrafo, mas a “circulação de pessoas, mercadorias e capital” (NUNES. 2016. p.227-228).

Em sua edição de 15 de abril de 1938, em primeira página, o periódico publicou o artigo “Verdade Berrante”, novamente se faz presente o que o *Norte de Goyaz* chama de “a questão dos transportes”, considerado um persistente problema para o Estado, onde

a ausência de estradas impedia o povoamento e o fluxo comercial do norte de Goiás, logo este ficava à parte do progresso.

“O grande problema”, subtítulo em letras garrafais, é a transcrição do discurso de João de Mendonça Filho, Ministro da Viação e Obras Públicas do governo de Getúlio Vargas, o jornal traz um breve comentário antes do discurso do ministro Mendonça Filho: “A voz que se levantou agora para proclamar aquilo que vimos afirmando há 22 anos ininterruptos, é digna que se lhe dê ampla divulgação em todos os recantos do paiz. É a voz de uma verdade berrante” (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 15/04/1938. p.1).

A edição de comemoração aos nove anos de fundação do Norte de Goyaz é um dos vários momentos em que o jornal aproveita a oportunidade, para se posicionar como defensor do progresso:

Viva o “Norte de Goyaz!” Eis a expressiva saudação que nosso periódico nortense dirigimos ao despontar o dia em que ele festeja seu nono aniversário. Sim, viva o “Norte de Goyaz”! Porque ele merece e porque dele precisamos. Viva, sim, pera, com uma justa satisfação, volver seus olhos sobre seu glorioso passado e com muito legítimo orgulho gozar do prazer que proporcionar-lhe-a lisongeira visão do quanto ele se esmerou para o progresso de seu torrão natal [...] (NORTE DE GOYAZ, n. 194, 22/09/1913, p.1)

A preocupação frequente do discurso do periódico acerca da inserção do norte de Goiás no rol das regiões que vivenciavam a modernização aponta que os melhoramentos não eram apenas um fim em si mesmo, mas como estes elementos projetariam Porto Nacional para além da realidade do norte goiano (NUNES, 2016). A defesa da modernização e do progresso constituiu parte do discurso estruturante do periódico perpassando pela defesa da construção de estradas, a exploração do potencial naval do que o jornal considerava como segunda costa brasileira, o crescimento demográfico, a possibilidade de emancipação do norte goiano ou a integração desta com o sul de Goiás e de Goiás com o Brasil. Portanto cabe verificar como esta defesa foi elaborada na década de 1960.

**Repaginação, Emancipação e Povoamento do Norte Goiano.**



Ao final de sua edição de março de 1959 o *Norte de Goyaz* deixou de ser publicado retornando em abril de 1960, o motivo de seu recesso não foi esclarecido, mas mudanças na estrutura física do jornal são perceptíveis, principalmente em seu *design*, que se tornou mais parecido com os jornais modernos que se reestruturaram no Brasil, pós-1950, seu discurso permaneceu consonante ao da imprensa do restante do país e anterior a década de 40 em sua maioria de cunho político, atuando como uma imprensa de opinião, com linguagem agressiva, apaixonada, debatedora e participativa nas polêmicas, mas seu *design*, a parte gráfica e a organização estrutural do jornal foi ao encontro das novas técnicas norte-americanas de jornalismo, onde uma certa lógica das páginas tornou-se premente.

Segundo afirma Ana Paula Goulart Ribeiro, “surgiu na década de 1950, uma nova maneira de se conceber o *design*, que estabeleceu novos padrões editoriais e gráficos para o jornalismo diário” (RIBEIRO, 2003, p. 151), o *Norte de Goyaz* adotou o uso da fotografia e as mudanças especificadas por Ribeiro em seu artigo, “Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 50”:

As manchetes e os títulos passaram a ser padronizados e a ter uma coerência interna. Recursos editoriais e formais, típicos de revistas, passaram a ser utilizados nos jornais diários. Subtítulos, entretítulos, boxes, textos complementares movimentaram e embelezaram as páginas, tornando a sua leitura mais agradável (RIBEIRO, 2003, p. 151).

Repaginado o *Norte de Goyaz* de 1960, o jornal não abandonou o discurso de progresso atrelado à emancipação do norte do Estado em favor da criação do Estado do Tocantins, presente na década de 50, segundo o periódico, durante quatro anos, de 1956 a 1960 a elite portuense e boa parte da população participavam da comemoração do brado pró criação do Estado do Tocantins, levantado por Feliciano Machado de Braga, juiz em Porto Nacional, em seu artigo por título: “Toma vulto o movimento emancipacionista” o jornal comenta sobre as solenidades do dia 13 de maio de 1956 que aconteceram a favor da emancipação do norte goiano (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 15/07/1960. p.7).

No artigo, “O Estado do Tocantins é Ideal de Pioneirismo e Progresso”, publicado na segunda página da edição de maio de 1960, alegou que as elites nortenses “levantaram o brado” em favor da criação do Estado do Tocantins, manifestando desejo de emancipação, pois há “no seio do povo que o Estado do Tocantins é ideal de pioneirismo

e progresso”, e propõe um governo regido pelos pertencentes à região, um governo que deveria ser mais próximo às realidades da região (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 15/05/1960. p. 2).

A construção de Brasília capital do país, a partir de 1956 e inaugurada em 21 de abril de 1960. O presidente responsável pelo início de sua construção foi Juscelino Kubitschek, esse período “foi marcado pela bandeira do desenvolvimentismo como ideário e pela abertura do Estado aos grandes grupos de iniciativa privada para acelerar a modernização brasileira” (SILVA, 2016), o *Norte de Goyaz* publicou uma nota da Agência Nacional, em que esta se pronunciou sobre a construção de Brasília, segue a baixo a transcrição:

[...] a seiva nova do progresso com que uma imagem do que será, em breve tempo, a intercomunicação de Brasília com os outros pontos da atividade nacional. No Brasil de hoje, todos os caminhos levam à Brasília, o futuro já deixou de ser tão remoto, os desertos serão vencidos, os vazios serão povoados, as forças vivas da nação serão colocadas ao serviço do povo brasileiro em todo o território nacional, Brasília é a alvorada de um Brasil novo mais forte em suas riquezas e em seu potencial humano e mais capacitado para cumprir a missão histórica no [ilegível] certo das Nações (Agência Nacional. NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 21/04/1960. p.7).

Apesar de seu discurso em defesa da emancipação política do norte de Goiás, a criação de Brasília, no estado de Goiás, avivou a crença no progresso para a região diretamente atrelada a nova capital. A construção da capital e/ou a emancipação não foram alternativas descartadas do leque de possibilidades para a modernização da região nortense. A construção de Brasília, a formação do urbano como ideal de progresso, o início da materialidade do discurso e do futuro almejado permeou-se nos artigos do *Norte de Goyaz*, dentre eles o artigo “Nossa volta”, que comenta a volta do jornal em 1960:

Vinculado, pois estamos ao passado que honra e serve de experiência para o presente, e roteiro segura para o futuro. Vivemos numa época de desenvolvimento e progresso, principalmente com o advento de Brasília, a nova Capital que é uma realidade do presente e foi um dos motivos do aparecimento do periódico no passado (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 21/04/1960. p.1).

O povoamento da região também foi atrelado ao progresso desejado. No discurso do jornal uma grande população seria o “elemento primordial do progresso”, estabelecido

historicamente no Brasil com os povoadamentos em seu litoral. No artigo “Povoamento e Progresso” compara-se o rio Tocantins ao mar: “assim é que se deu, séculos atrás, o povoamento das margens do rio Tocantins, o rio no dizer dos entendidos 2<sup>a</sup>, ou 3<sup>a</sup> costa brasileira, no sentido da marcha do povoamento” (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 15/05/1960. p.1).

Apelando para a história do Brasil e transformando o rio Tocantins em “costa” o *Norte de Goyaz* buscava justificar e incentivar o maior povoamento da região. Quando as pessoas formassem “núcleos populacionais” cabia aos homens recém-estabelecidos torna-las produtivas “por uma autodeterminação da própria subsistência da vida”, ou seja, basta a necessidade de permanecer vivo para motivar o progresso pelo povoamento, daí se segue a proposta do artigo pelo desenvolvimento do transporte, pois sem isso “a produção não circularia e os mercados consumidores tornavam-se inacessíveis ao surto de progresso e desenvolvimento das unidades populacionais” (NORTE DE GOYAZ. Porto Nacional. 15/05/1960. p.1).

### **Ditadura e progresso**

Com o objetivo de combater os conflitos que ameaçavam a ordem política e econômica vigente, as Forças Armadas brasileira tomaram para si o poder de controlar o futuro do Brasil. Em 1º de abril de 1964, a instituição militar, que participara ativamente da política desde a proclamação da república, realizou um golpe, que deu início ao regime militar, reclamando a legitimidade ao afirmar defender a nação, repudiaram o comunismo e arquitetaram seu próprio projeto modernizador e autoritário (SILVA, 2016).

Junto ao Arquivo particular da Família Ayres, localizado em um casarão antigo na rua Dr. Francisco Ayres da Silva, na praça da matriz em Porto Nacional, encontra-se, além dos exemplares analisados nesta pesquisa, obras nacionais e estrangeiras, outros periódicos, panfletos, correspondências, certidões, atas, cadernetas e documentos iconográficos como fotografias e postais, além de manuscritos.

Dentre os manuscritos encontrou-se o início de uma biografia por título, “Totó de Oliveira, homem de bem e educador experiente”, escrita por José Luiz Bittencourt, político, escritor e jornalista. Provavelmente foi encomendada pela família em 1984, após a morte de Totó de Oliveira, segundo Radamés Vieira Nunes. O manuscrito da biografia

de Antônio José de Oliveira, ou Totó de Oliveira, político e genro do Dr. Francisco Ayres da Silva, fundador do *Norte de Goyaz*. Ao se propor escrever a biografia de Totó de Oliveira, José Luiz Bittencourt, também escreve sobre a vida de Francisco Ayres da Silva, “como forma de valorizar e mostrar ligação entre os dois” (NUNES, 2016).

No manuscrito da bibliografia de Totó de Oliveira, José Luiz Bittencourt, admirador do fundador do *Norte de Goyaz* escreveu sobre o periódico fundado por Francisco Ayres: “Há de falar-se ainda da luta desse inolvidável goiano à frente do jornal “*Norte de Goyaz*” que dirigiu por mais de quatro décadas, com algumas interrupções motivadas por empastelamento face ao seu ardor no combate à ditadura” (BITTENCOURT. 1984. p. 2).

Pondera-se então, a partir da afirmação feita por Bittencourt, o empastelamento do *Norte de Goyaz*, que teria acontecido em 1968. Amigo, contratado e admirador de membros da família Ayres, Bittencourt estaria construindo um discurso, após a ditadura, para melhorar a imagem da família frente ao crescente discurso contra o regime ditatorial de 64. Isto porque, apesar de ter tecido um alinhamento com o projeto de modernização do governo militar, por outro lado o periódico publicou artigos sobre as manifestações estudantis, os abusos de força do exército e as falas contrárias ao governo, além de trazer um tom negativo aos elementos repressivos que paulatinamente se fizeram sentir nos anos que antecederam a implantação do Ato Institucional número 5, AI-5.

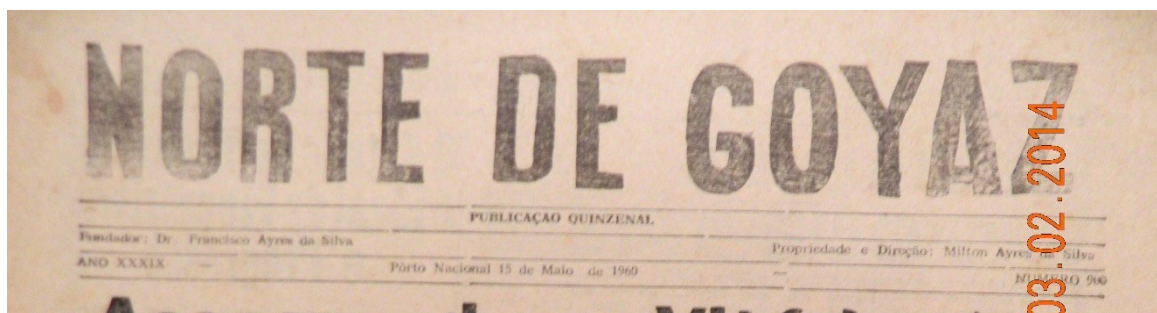
O golpe que deu início a ditadura de 64, derrubou o governo de João Goulart, o grupo responsável foi descrito por Aarão Reis como amplo e heterogêneo, “com denominadores comuns muito genéricos: salvar o país do comunismo, da corrupção e do populismo, e restabelecer a democracia” (REIS, 2000). O Medo de que uma redistribuição de renda e de poder radicais e sem controle liberaria o caos sobre o país, consolidou esse grupo, medo de que o Brasil se tornasse comunista, como em Cuba:

[...] de independência como em Cuba, trouxeram para a escala do possível as utopias e serviu de fermento para o nacionalismo latino-americano, um alarme para as classes conservadoras e para os EUA, um conjunto de lutas sociais se iniciou inéditas na história da república brasileira, o ritmo de crescimento diminuía desde a década de 50 a inflação aumentou (REIS, 2000. p. 18).

O *Norte de Goyaz* não foi publicado durante os anos de 1959 a 1966 correspondendo à presidência breve de Jânio Quadros e de seu vice, João Goulart e ao

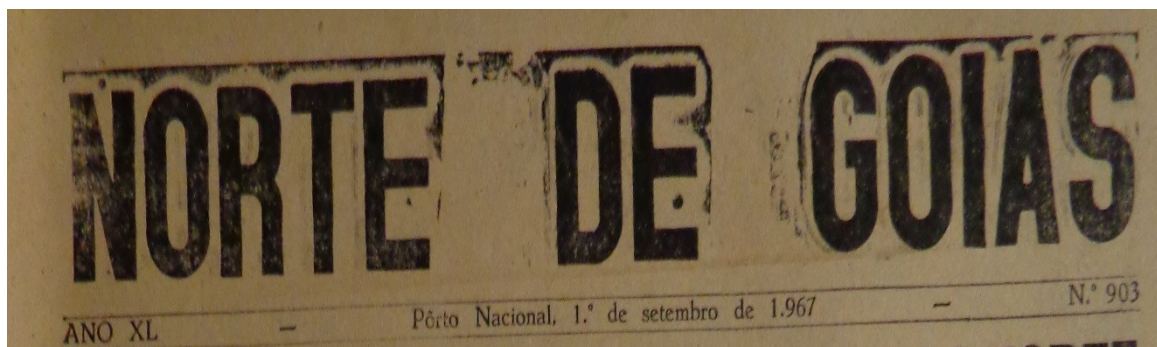
golpe militar de 1964. Quanto ao seu retorno, em 1º de setembro de 1967, novas características físicas e no discurso estavam presentes, assim como quando retornou em 1960, a primeira edição depois de sete anos tinha sido modernizada. A primeira mudança observada foi a grafia do nome do jornal, não mais *NORTE DE GOYAZ*, o hebdomadário passou a se chamar *NORTE DE GOIAS*, sem o Y e o Z, nova versão mais moderna e nacionalista.

Figura 1-Nome do jornal.



Fonte: NORTE DE GOYAZ, Porto Nacional, 15/05/1960. Arquivo privado da família Ayres.

Figura 2- Nova grafia do jornal.



Fonte: NORTE DE GOIAS, Porto Nacional, 01/09/1967. Arquivo privado da família Ayres.

O projeto modernizador proposto pelo governo militar e os projetos e melhoramentos desejados pelo *Norte de Goyaz* visavam à superação do subdesenvolvimento, para o jornal se referia às condições regionais do norte do Estado de Goiás, para o governo militar se referia à realidade do país:

No Brasil, a instituição militar que desde a proclamação da República participara das crises políticas, gradual e paralelamente à sua profissionalização, a partir de 1930, passou a posicionar-se no jogo político defendendo projetos para a nação, tal qual um partido político,

mas sem assumir o ônus do debate, alegando a pretensa legitimidade da defesa nacional. Assim, um grupo defensor de um projeto modernizador autoritário tomou o poder em 1964 (SILVA, 2016, p. 1).

O discurso de emancipação diminuiu consideravelmente e a comemoração anual já não era noticiada o que se leva a crer que não aconteceu novamente. Em uma crônica escrita em plena ditadura militar, em edição de 30 de setembro de 1967, publicada na quarta página do jornal intitulado “João do Norte”, de teor pessimista e fatalista, se traz de volta sutilmente o discurso de emancipação do norte quando este não vê a realização do seu futuro desejado.

O protagonista João do Norte estava com uma doença incurável, mas que desconhecia seu destino, apesar de toda sua família saber e não lhe contar deixando-o manter as esperanças de que um dia iria se recuperar. Os personagens da crônica são metáforas que constroem a percepção que se tinha do norte goiano. João do Norte, seria o próprio norte, descrito como inocente e velho, estaria ele padecendo da doença do atraso, da falta de modernização e não havia nada que pudesse ser feito para salvá-lo. A esposa do João do Norte é uma representação da elite, seu filho a população nortense, e o médico representava os políticos goianos, afirmando que a modernização chegará, sabendo que não virá.

[...] pensando (quem sabe!), sob o efeito do analgésico, no progresso de sua terra e de seu povo. Ou em transmitir a todos os amigos a notícia do seu próximo restabelecimento. [...] se alguém sobreviver ao sonho de “João do Norte” (vulgo), inscreva, por favor, no seu túmulo, este epitáfio: Aqui jaz uma esperança de salvação (NORTE DE GOIÁS, Porto Nacional, 30/09/1967).

O artigo “A integração do Norte” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional, 01/09/1967. p. 4) escrito na coluna nomeada “Momento Nortense”, aborda os interesses do Norte em comparação com as discussões nacionais e a discussão em voga no plano político da ditadura, ou seja, como modernizar o Brasil. Nesse sentido, foi proposta a integração da Amazônia com o restante do país, o *Norte de Goyaz* declarou que antes de se fazer esta integração o Estado de Goiás deveria conectar o sul do seu Estado com o norte, promovendo assim sua própria integração e o *Norte de Goyaz* declara que isto deve se dar por “uma questão de coerência”, tecendo várias críticas ao governo do estado de

Goiás, afirmando que este se concentra nos problemas de questão nacional para escapar das responsabilidades estaduais mais especificamente da região norte.

Na primeira edição de seu retorno, publicaram o artigo de título: “A rebeldia dos bastidores: Bases X Liderança Nortense” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 01/09/1967) em que pode se perceber o discurso a favor dos líderes dos municípios do norte de Goiás, apresentando a base, ou seja, a população como “rebeldes” e explicando seu discurso como confuso e não definido, aconselhando a população a reclamar menos de suas respectivas lideranças por não estarem atendendo às suas demandas e as apoiarem, o artigo termina afirmando que “o povo é igual S. Tomé, só acredita no que vê”. Eduardo Chammas em sua tese aponta que o espaço público era restrito, limitado e tradicionalmente ocupado pelas elites conservadoras, estas buscavam representar seus valores e interesses estruturando se em empresas privadas, “os órgãos de comunicação tornaram-se também órgãos de poder” (CHAMMAS. 2012 p. 15).

“Porta aberta à subversão” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 01/09/1967. p.2) é o título de um artigo que se encontra na segunda página da mesma edição de setembro de 67, este traz uma característica do discurso político do período ditatorial, a luta contra o comunismo, a subversão na forma do Congresso Comunista de Cuba, e declara o posicionamento do “comando de nossa República”, que contesta a declaração de um Brasil sem liberdade de expressão.

Na quinta página pode-se atestar novamente o imperativo que se configurava o projeto de integração da Amazônia ao restante do Brasil para o jornal *Norte de Goyaz*. Noticiando sobre o VII Congresso Nacional de Municípios que ocorreu em Manaus, o Ministro do Interior, General Augusto de Albuquerque explanou sobre a necessidade do desenvolvimento econômico da Amazônia e como este desenvolvimento e os demais Estados influenciavam diretamente no desenvolvimento do Brasil.

O General Afonso de Albuquerque Lima, sustentou, ainda que a integração nacional somente será atingida se aprendermos e conseguirmos realizar o desenvolvimento integral do País, como síntese do progresso econômico, social e cultural de todo o povo brasileiro (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional, 01/09/1967. p. 5)

O artigo “Crescimento da Amazônia Constitui Meta da SUDAM”, na edição de 30 de setembro de 1967, na quinta página, apresentou a SUDAM (Superintendência de

Desenvolvimento da Amazônia) como a catalisadora dos recursos do Plano de Desenvolvimento proposto pelo governo militar. A frase utilizada, “um progresso de cinco pontos”, refere-se a infraestruturas, energia, comunicações, saúde pública, educação e agropecuária (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/09/1967. p. 5.).

Em mesma edição de 15 de setembro de 67, foram levantadas críticas a partir de informação passada pelo prefeito de Ponte Alta do Norte, Ribamar da Silva Costa. O artigo “Americanos compram P. Alta do Norte”, declarou que apenas oito por cento das terras pertencentes ao município de Ponte Alta do Norte pertenciam ao poder público, as demais terras foram compradas por empresas americanas. Sobre o assunto o *Norte de Goyaz* comentou:

Solidário ao pensamento nacionalista que preside a nossa vida de não soberana, o “Norte de Goiás” formula a seguinte pergunta: Qual a origem das terras alienadas a estrangeiros no Município de Ponte Alta do Norte, e quem as vendeu? (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 15/09/1967. p. 1).

O tom nacionalista declarado do periódico, saindo em defesa de uma possível perda de terras pertencentes ao poder público regional, trata-se de uma reação à política adotada pelo governo do general Castelo Branco, primeiro presidente do regime civil-militar.

O internacionalismo e alinhamento com os Estados Unidos foram adotados em vista de estabilizar a economia incentivando as exportações e atraindo os investimentos de capitais privados estrangeiros (REIS. 2000. p. 38). Segundo Skidmore (1982) “a estratégia de governo de Castelo Branco, fazia forte ênfase na necessidade de satisfazer as autoridades financeiras internacionais e os principais credores estrangeiros como pré-requisito para ulterior desenvolvimento do Brasil”. O *Norte de Goyaz* ironizou a venda de terras a empresas estrangeiras chamando o acontecido de “milagre”, pois em um dia a Igreja estava de posse das escrituras das terras, pouco tempo depois estas mesmas terras pertenciam às corporações privadas.

O fluxo de investimentos estrangeiros não correspondeu às expectativas do governo militar, a inflação diminuiu, mas não foi controlada, o ajuste salarial permaneceu abaixo do nível inflacionário, o crédito para empresários era parco, e estes pressionavam o governo. A repressão do governo, com cassações e censura, deu início a uma “atmosfera



de descontentamento, não somente entre os esgotados, é claro, mas mesmo em setores expressivos da grande frente que havia apoiado o golpe” (REIS. 2000. p. 40). Em 15 de outubro de 67, o periódico publica em pequena nota, de título: “Reforma da Constituição”, na quarta página no canto direito da página o seguinte texto:

Uma pá de cal foi jogada à pretenção de se promover, em parte, a reforma da Constituição promulgada a 24 de janeiro de 1967, com a restabelecimento das eleições diretas pela escolha do futuro presidente da República. O govêrno num pronunciamento que não deixa dúvida se manifestou contrário a qualquer modificação à Constituição no seu todo ou em parte, segundo se lê na imprensa (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 15/10/1967. p.4).

Na primeira página de 12 de dezembro de 1967, o aumento gradual das hostilidades do governo e a retirada de parte do apoio civil ao regime foram noticiados pelo *Norte de Goyaz* em artigo por título “Lacerda quer mesmo a mudança do Regime”, em que se referiu ao ex-governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda e inicialmente a favor do regime militar, proferindo uma declaração polêmica acerca dos rumos tomados pela “Revolução” de 64:

Em violento discurso de paraninfo pronunciado por ocasião da formatura dos novos economistas da Guanabara, o ex-gov, C. Lacerda investiu-se contra a Revolução de 31 de março de 1964, afirmando mesmo que quer mudanças e entre elas a do regime atual. [...] diz o ex-governador aos seus paraninfados: “A esta altura estais vendo quantos caminhos estavam abertos a uma revolução de verdade. Esses caminhos foram bloqueados por uma Revolução de mentira. O País foi metido num beco. É preciso abrir esse muro e fazer o País Palmilhar novos caminhos”. [...] E conclui: “Pretende-se apresentar o nosso protesto (se referindo a Frente Ampla) como prova de que existe liberdade no Brasil. É falso. Êsse protesto existe mas confinado a certas ocasiões e sem acesso a meios indispensáveis de comunicações” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/12/1967. p.1).

Ao publicar o discurso de Lacerda esperava-se refuta-lo, mas ainda sim demonstrar que sua crítica ao governo era digna de nota, por ter sido proferida por um, até então, político apoiador e participante na implantação do governo ditatorial. Ainda no artigo publicado em primeira página contendo a afirmação de Lacerda de que os meios de comunicação eram arbitrários e não cobriam os protestos ao governo o *Norte de Goyaz* intentava se posicionar como diferencial, noticiando as críticas e protestos ao governo, mas sem contudo criticá-lo abertamente.

“Polícia Militar da GB metralha estudante” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional, 30/03/1968. p.1), no estado da Guanabara o estudante, Nelson Lima Souto, foi baleado e outros estudantes ficaram feridos. Segundo noticiado pelo *Norte de Goyaz*, os tiros foram disparados para conter uma manifestação, o corpo do estudante permaneceu exposto na Assembleia Legislativa, em forma de protesto. A 30 de agosto o *Norte de Goyaz* informa que a polícia militar ocupou o campus da Universidade de Brasília (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional, 30/08/1968. p. 1).

A matéria “Cassações e consequências” divulgou que o governo chegaria a suspender os direitos políticos e cassar o mandato dos deputados federais Márcio Moreira e Hermano Alves, ambos pertencentes a um dos partidos de oposição, o MDB. Estes deputados segundo Gama Filho, Ministro da Justiça, “ofenderam o brio das forças armadas”. O fim do artigo se dá com uma frase de tom pessimista quanto ao futuro da nação: “As consequências das cassações virão com profundas repercussões na vida da nação” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/11/1968. p. 3).

A escolha de publicar notícias que poderiam mudar a opinião pública sobre o governo foi possível até o Ato Institucional N.º 5, o que seria visto como uma escolha editorial tornou-se um incômodo para o governo. A cassação de mandatos dos deputados, as manifestações e os políticos declarando abertamente sua descrença e crítica ao regime eram notícias dignas de nota pelos editores dos jornais, incluindo os do *Norte de Goyaz*.

Em dezembro de 1968 entrou em vigor o Ato Institucional N.º 5, os 12 artigos concediam ao Presidente a liberdade e o poder de cassar mandatos, suspender os direitos políticos de qualquer indivíduo, decretar recesso do Congresso, além de estarem suspensos habeas corpus para crimes políticos. Citando Reis (2000), “já em 1967, primeiro ano do governo Costa e Silva, o diálogo prometido não funcionou face às pressões do único movimento social ativo – o estudantil. Sucederam-se as manifestações reivindicatórias, de modo geral, acompanhadas de uma repressão desproporcional”. Em represália ao deputado Márcio Moreira e seu discurso contra o governo serviu como justificativa para a instauração do AI-5.

O periódico não voltou a ser publicado em 69, nem por toda a década de 70, retornando apenas em 1983. Antes do seu retorno, Milton Ayres enviou várias cartas avisando da futura reabertura do Norte de Goyaz a inúmeras autoridades do governo,

como o Secretário do Trabalho e Desenvolvimento Social de Goiás, o Dep. Hagahus Araújo Silva, e ao Gabinete da Secretaria Extraordinária para Assuntos Econômicos, em algumas destas cartas Milton Ayres pediu que os órgãos enviassem informações para serem publicadas. Recebeu respostas a essas cartas, uma delas do engenheiro Wilson Honorato Rodrigues, presidente da Superintendência das Obras do Plano De Desenvolvimento, SUPLAN, cuja resposta ao pedido de contribuição com notícias foi: “Futuramente mandaremos a V. Sa. algumas matérias para publicação”.

A estrutura do jornal novamente foi reformada, as colunas que dividiam as matérias foram redefinidas, destacadas e separadas entre si, as fotos mais frequentes e as matérias passaram a levar a assinatura de seu autor, foram inseridas colunas sociais, como “Aconteceu em Sociedade”, a coluna “Giro Geral” e “dia a dia”, noticiando o que acontecia em Porto Nacional, e o horóscopo (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 1983). Em um primeiro momento o nome do jornal foi grafado como “*Norte de Goiás*” para logo ser modificado em sua primeira grafia, “*Norte de Goyaz*”, o proprietário, Milton Ayres da Silva buscava assim legitimidade e credibilidade que o antigo nome do jornal carregava. O *Norte de Goyaz* passou também a se referir aos moradores do norte goiano como tocantinenses, expressões antigas foram retomadas no discurso a favor do progresso, como “Novo Tempo” e “Novo rumo”.

Através do *Norte de Goyaz* continuou-se divulgando a esperança da chegada dos melhoramentos, como nos artigos “Milhões serão investidos na Belém-Brasília” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/10/1968. p. 1); “As Reformas virão” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/08/1968. p. 3); “Bulhões diz que venceremos a inflação” (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/08/1968. p. 1) e a coluna Economia e Finanças com o Economista Messias Nunes de Araújo: “Política econômico-financeira Revolucionária”, compõe levantamento feito afirmando a possibilidade de progresso e a defesa das medidas econômicas tomadas até 68 pelo governo militar (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/08/1968. p. 2). E a partir de 1983, além dos projetos, a materialidade começa a ser noticiada e atribuída aos anos de 1964 a 1983, ou seja, o período ditatorial, que o periódico chama de “período revolucionário”:

É inegável, mesmo pelos negativistas empedernidos, que as comunicações em Goiás tiveram um acentuado avanço, no período revolucionário. Ainda nos lembramos dos atrasos a que estavam sujeitas as correspondências conduzidas em lombo de muare, ou melhormente, e por imposição legal em veículos particulares, obrigados

a conduzirem expedientes do correio de graça (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 01/07/1983. p. 4).

O discurso a favor da emancipação do norte de Goiás e da criação do Estado do Tocantins retorna fortalecido e com grande frequência no periódico, no qual se faz a defesa de onde deverá ser instalada a capital provisória do Tocantins:

Agora que se acha em vias de materialização o Estado do Tocantins [...] Das cidades que oferecem melhores condições de instalação da Capital provisória do novo Estado, por sua infraestrutura, é Porto Nacional. Cidade onde se encontram os melhores educandários, as melhores instalações de repartições públicas, bispados e hospitais, Escola de Enfermagem (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 01/07/1983. p. 4).

O relato do cotidiano e dos debates e disputas internas geradas da possibilidade de criação do Tocantins e a iminente materialidade de uma nova capital é tema central do periódico e a política nacional passam a orbitar junto com um número maior de colunas, como nos recortes feitos das páginas do periódico:

### Figura 3 – Campanha para criação do Estado do Tocantins.



Figura 3- NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. Dezembro/1984.

### Figura 4 – Tocantins, agora!

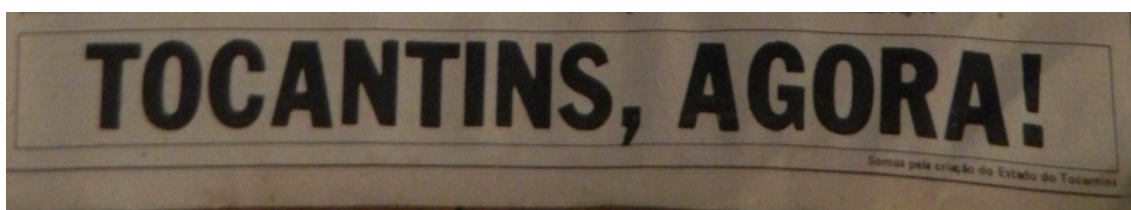


Figura 4- NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 15, 30/07/1985.

Quanto à relação com o governo, o *Norte de Goyaz* não mais criticou o responsável pela desejada emancipação e progresso da região nortense, o que nos mostra no artigo, “O custo da Democracia”, rebate críticas feitas ao regime militar, defendendo a existência da liberdade de expressão e da ausência de um Estado Ditatorial:

Quanto custa a democracia? Me parece uma pergunta sem resposta. Todos falamos em seu nome e até usamos do direito de falar que queremos a liberdade de falar, de pensar e mesmo de criticarmos o que outros falam [...] No ultimo comício realizado em Goiânia com o candidato da Frente Liberal, Dr. Tancredo Neves, tivemos uma demonstração de autentica liberdade de falar, de criticar e questionar. Já há dias antes do evento, partia das escolas primárias, entre às crianças às Universidades, entre os adultos, uma pregação digna das liberdades que alcançamos. [...] As críticas às “ditaduras”, aos militares e a todos que não aceitam o candidato, foi uma demonstração do grau de liberdade em que vivemos (NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. Outubro/1984).

Diferindo dos anos anteriores ao seu empastelamento, ocorrido em 1968, quando noticiava sobre os abusos de poder cometidos pelo Regime e sobre os movimentos levantados pelos estudantes e as críticas tecidas por políticos contrários ao regime, o *Norte de Goyaz* de 1983 se posiciona contrário a qualquer crítica ao governo militar, contestando categoricamente a presença de censura e a um governo ditatorial como exposto no excerto acima, cabe especular que tais mudanças de posicionamento político dos editores em relação ao regime refletidas nas páginas do *Norte de Goyaz* se deram em detrimento dos projetos de modernização para a região nortense, alguns deles em fase de implementação e a possibilidade de criação do Estado do Tocantins desta vez possibilitado pelo processo de reabertura política e as vistas de uma nova Constituição às críticas dirigidas ao governo não poderiam favorecer a realização dos desejos para o norte de Goiás divulgados no hebdomadário.

## CONCLUSÃO

Foi a partir das páginas do periódico *Norte de Goyaz* que decorreram as problemáticas, os questionamentos e análises do presente trabalho que se insere na dinâmica da historiografia sendo “complexa, que envolve ideologias, cultura, vida privada, ações públicas, representações, imaginários, lutas, reações, resistências, valores, instituições, entre múltiplas variáveis que constituem a complexa rede de inserção do homem na vida em comunidade através do tempo” (DELGADO, 2008, p. 129).

Segundo Lucília Delgado a História é um “processo em construção permanente. Processo marcado por temporalidades e delimitações espaciais”. A delimitação espacial selecionada para o presente trabalho foi a região Norte do Estado de Goiás na década de 60 a 80 do século XX. Procurou-se entender os processos e discursos construídos por membros da família Ayres, integrantes da elite portuense, em seu jornal, o *Norte de Goyaz* e sua dinâmica antes e durante o governo civil-militar de 64.

O discurso a favor do progresso, utilizado largamente a partir do século XIX, foi reelaborado e continuou funcionando como poderoso instrumento no cenário político brasileiro. Este trabalho se objetivou no esforço por compreender a relação com a modernização e a modernidade nessa região através do discurso escrito e publicado pelo hebdomadário *Norte de Goyaz* e como se deu sua interação com o governo militar (1964-1985). Um apoio divulgado como incontestável, mas no momento que se achava com seus planos “ameaçados” pelas propostas governamentais o periódico tecia críticas pontuais, carregadas de ironia para (com) a ação do governo e fatalismo para com o futuro da região.

A imprensa também é geradora de discursos, seu apoio legitima repertórios, suas páginas publicadas seguem caminhos específicos, o conteúdo a ser publicado é escolhido em detrimento de inúmeros outros para gerar o discurso pretendido. Ao trabalhar com o *Norte de Goyaz* teve-se em conta que este não é portador da verdade, mas detêm nuances e discursos no que concerne a modernização e a modernidade, e a relação que o periódico tece com o discurso do governo militar de 64, e também o “grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita nas diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos” (SILVA; FRANCO, 2010, p. 5) possui seu próprio ideário para o melhoramento e, por conseguinte a inserção do antigo norte goiano no rol das cidades modernas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Aparecida. **Censura; imprensa; estado autoritário, 1968-1978: o exercício cotidiano da dominação e da resistência.** Bauru, Edusc, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade.** Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo-SP: Ed. Schwarcz Ltda, 1986. 345 p. Tradução de: All That is Solid Melts Into Air.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins.** 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004. 240 p..

CERASOLI, Josianne Francia. **Modernização no Plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004.

CHAMMAS, Eduardo. **A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968.** Dissertação de mestrado em História Social, USP, 2012.

DA SILVA, M. P.; FRANCO, G. Y. **Imprensa e Política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica.** Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8, UFGD, Dourados jul /dez. 2010.

DE LUCA, Tânia Regina. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: **Fontes históricas.** 2ª ed. Ed. Contexto, São Paulo, 2008. 111-154.

HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade: Doze lições.** Tradução: Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2000 – (Coleção Tópicos). 430 p.. 1ª edição. Tradução de: Der Philosophische Diskurs Der Moderne.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna.** 17ª ed.. São Paulo: Edições Loyola. 2008.

LECHNER, Norbert. **A Modernidade e a Modernização são compatíveis? O Desafio da Democracia Latino Americana.** Lua Nova, n. 21, São Paulo, setembro, 1990. 73-86.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

NUNES, Radamés Vieira. **Francisco Ayres, lembranças de um porvir**: Porto Nacional e à modernização no Norte de Goyaz. 2016. 345 f: il, Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História. UFU - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entre o Sertão e o Litoral: Cultura e cotidiano em Porto Nacional, 1880/1910**; Coleção Olhares. Anápolis, Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PAINKOW, A.; TEIXEIRA, I.; COSTA, L. **Jornal Norte de Goyaz**: o legado da família Ayres à imprensa tocantina. <>. Acesso em 24 mar. 2019.

PARENTE, Temis G. **Fundamentos históricos do Estado do Tocantins**. Goiânia: UFG, 1999.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2000.

RIBEIRO, Alia Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política**: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 31, 2003, p. 147-160.

SILVA, Êça Pereira. **O Centro de Altos Estudos Militares (Peru) e a Escola Superior de Guerra (Brasil) 1948-1968**. 2016. 241 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social – CNPq, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Tradução Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 7ª ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1982.



## ANEXOS

Crônica “João do Norte”

Ele está mesmo condenado... E não sabe.

Luta, todavia. Vai ao especialista:

- Tome êstes comprimidos. Firará bom! Quando acabar, volte.

Ele sai sorridente, antegozando seu restabelecimento. Alegre e feliz com as palavras de seu profissional amigo.

Chega em casa:

- Maria, desta vez vou ficar bom. O doutor disse...

Sua esposa (que sabe qual é a doença) tem vontade de xingar, mas aguenta firme. Não quer acelerar a morte. Cumprimenta-o com um sorriso amargo e sai apressada até à casa da vizinha, para se desafogar de suas lágrimas.

Ele se deita pela metade na sua cadeira de balanço:

- Ô Zéquinha, traga-me um pouco d'água para engulir um comprimido...

O menino, que estava no quintal brincando com “gado de osso”, ouvindo o chamado do “velho”, chega com a água:

- T'aqui, papai! Que falou o doutor?

- Desta vez vou ficar bom... É só tomar estes comprimidos.

E lhe mostra uns envelopes com analgésicos comuns.

O garoto, todavia, como quem não estivesse interessado em cortar o assunto:

- O sr' me leva ao circo pra vêr o palhaço?

- O “velho” se recorda, então, das diabruras do palhaço no último circo que esteve.

Esboça um sorriso atrasado, entre palavras:

- Tão logo fique bom, meu filho!

O menino (que guardava o segredo da doença) sai esmorecido, rumo à cozinha, com o copo vazio, sem esperança, de rir-se do palhaço.

Maria chega, com os olhos vermelhos.

- Que foi, Maria! Estava chorando.

-Não! É a lenha de lá que faz muita fumaça.

E se afasta para o fundo do quintal, enxugando a tristeza dos seus olhos.

Ele continua ali, reclinado e mudo, cultuando sua alegria. E pensando (quem sabe!), sob o efeito do analgésico, no progresso de sua terra e de seu povo. Ou em transmitir a todos os amigos a notícia de seu próximo estabelecimento.

Adormece, contudo, com o tic... tac do relógio, cansado de pensar na sua felicidade de amanhã...

Inocente e puro logo estará sonhando... vendo estrêlas.

Mas se alguém sobreviver ao sonho de “João do Norte” (vulgo), inscreva, por favor, no seu túmulo, este epitáfio:

Aqui jaz uma esperança, de salvação...

J.O.

(NORTE DE GOIÁS. Porto Nacional. 30/09/1967. p. 3).